Este arquivo contém apenas um dos capítulos dos Fragmentos de Memórias. Recomendamos abrir o livro todo aqui para poder usufruir da ampla perspectiva que ele oferece e pelas referências que aparecem nos pés das páginas que remetem o leitor a outros testemunhos que dialogam entre si.

Consulte o WorldCat para achar o livro impresso na biblioteca mais proxima.

Avraham Milgram Org: VIAF WorldCat Google

As encruzilhadas no caminho[5]

DOV TSAMIR (BERNARDO CYMERYNG)

Introdução

A geração dos fundadores do movimento encontrou-se no mundo caótico que se formou depois da Segunda Guerra, diante de questões cuja compreensão global era difícil. A Europa estava destruída, e o que sabíamos sobre o Holocausto não nos possibilitava compreender a profundidade da tragédia. No pano de fundo da matança de populações gigantescas (ainda não conhecíamos o número monstruoso da morte de dezenas de milhões de pessoas), aparecia a luta da pequena coletividade na Terra de Israel com o Império britânico e o mundo árabe verossímil, somente aos olhos de sionistas crentes, e esses eram poucos. Ocupamo-nos com o início da estabilização do povo judeu, sem saber de antemão as dimensões de nossa ação e o preço do sacrifício. Não sabíamos quem seriam os futuros parceiros na construção do País, e poucos foram os que previram como seria o desenrolar com nossos vizinhos nas desgastantes guerras através de várias gerações. No final da Segunda Guerra, quando tomamos conhecimento do Holocausto, ocorrido na Europa, eu me encontrei em pleno processo de assimilação à sociedade e à cultura brasileiras. A contradição entre os dois processos, o pessoal de um lado, e o do povo judeu de outro lado, me conduziu a uma profunda crise espiritual e emocional. Essa disparidade acionou dentro de mim um processo intransigente de procura espiritual e intelectual, não só no interior das minhas raízes familiares, mas também na tentativa de entender o meu judaísmo, a natureza do Holocausto e suas causas. Queria saber para onde conduzem os caminhos do judaísmo após aquele evento de caráter apocalíptico. Nessas buscas, e com a sensação de que meu caminho e meu futuro exigem respostas apropriadas, comecei a jornada sem que tivesse ideia da longitude do tempo e para onde me conduziria o final do caminho. Incertezas postavam-se diante de mim quando saí para o caminho conduzido por sinais de interrogação.

[5] Este capítulo é dedicado aos companheiros do Kibutz Bror Chail, que realizaram as metas do movimento estabelecendo um marco e fronteiras no Neguev. Agradeço profundamente aos meus amigos e queridos Boaz Katz, Avraham (Tito) Milgram, Shlomi Kotler e Léa Tsamir, que me ajudaram com sua sabedoria e experiência.

A Família na Polônia

Minha família é originária da Polônia e se espalhou pela região de Lublin. Eu nasci no ano de 1927, na casa de meu avô, Zeev Goldman, pai de minha mãe, na cidade de Chełm.[6] Quando eu tinha dois anos de idade, meu pai emigrou para o Brasil em busca de sustento, e nós continuamos a viver com meu avô até a sua morte, em 1933. A irmã de minha mãe vivia em Lublin e seu irmão, em uma fazenda cerca de Zamosć.[7] Meu outro avô, Aharon Cymeryng, pai de meu pai, vivia com sua grande família em um *shtetl** em Piaski.[8] Eu visitava frequentemente meus parentes, uma ou duas vezes ao ano na casa dos tios, e nas festas grandes na casa de meu avô Aharon.

Mas o cotidiano da minha vida vivi com meu avô Zeev Goldman. Ele foi a figura proeminente da minha vida. Ele foi para mim um atenuante em muitas horas de angústia que tive em minha vida.

No princípio de 1934, recebemos as passagens e embarcamos para o Brasil. Durante a viagem através do grande oceano, sobre o qual eu sabia somente das histórias, senti-me solitário e livre. Saí da Polônia com sensações de uma criança alienada, sem vivência judaica arraigada. Não vivenciei uma casa judaica, a sinagoga com suas orações e rituais e nem escola judaica *idisch* ou hebraica. Tudo isso me prejudicou quando me expus à fluidez arrastadora e assimilante da cultura brasileira.

Falava polonês e ouvia *idisch* em casa, enquanto o russo era o idioma que falavam os adultos, quando não queriam que eu entendesse, de forma que não sentia nenhuma delas como sendo minha língua-mãe. O português, aprendi rapidamente, como meio de integração ao novo ambiente.

Brasil

Moramos em Santos, em uma casa conjugada junto com outra família. Os aspectos materiais não me preocupavam, a maior dificuldade que encontrei ao chegar no Brasil foi o encontro com meu pai. Entender e acatar sua posição na hierarquia familiar, e conformar-me com a vida que tive com meu avô que tinha sido especial. Lembrança que aparecia em sonhos e a sentia com saudades.

Também, no Brasil, eu não tive uma casa judaica, sinagoga ou escola judaica. Expus-me inteiramente à vivência brasileira, que era católica na sua essência e assimiladora em seu caráter.

---

[6] Situada a 64 km ao sudeste de Lublin. Os judeus de Chełm ocupam um lugar especial no folclore, no humor e no imaginário da cultura popular *idisch*. Em 1921, viviam 12.064 judeus de um total de 23.221 habitantes de Chełm.

[7] Situada ao sul de Lublin, cidade natal do grande escritor I. L. Peretz, o pilar da moderna literatura *idisch* na Polônia, e de Rosa Luxemburgo, teórica marxista e revolucionária comunista. Os primeiros judeus, de origem sefaradita, se estabeleceram em Zamość no final do século 16. Em 1931, viviam 10.265 judeus de um total de 24.241 habitantes, e, no decorrer do ano 1942, os nazistas expulsaram os judeus do gueto para os campos de morte.

[8] Situada a 24 km ao sudeste de Lublin. Em 1921, dos 3.974 habitantes de Piaski, mais da metade, 2.674, eram judeus.

A luta principal pela minha sobrevivência eu mantive na escola. Em um ano, aprendi o português, esqueci completamente o polonês que sabia e absorvi o *idisch*, necessário para a comunicação em casa.

Os quatro anos da escola primária, de 1934 a 1938, passaram rapidamente, e ao concluí-los eu tinha 11 anos. Foram anos que me deixaram frutos valiosos, como o domínio do idioma, integração ao âmbito juvenil, assimilação da tolerância, principalmente em relação aos mestiços, mulatos, cafusos, e suas misturas raciais. Os japoneses também passaram a fazer parte da mistura de tons brancos com suas raízes italianas, espanholas e portuguesas. Meu relacionamento para com os alemães era diferente, comparado com outros grupos étnicos. Essa diferença se desenvolveu durante a Guerra Civil Espanhola e depois, com o domínio de Hitler sobre a Europa. Meu pai lia jornais em português e em *idisch* e nos explicava o que ocorria no mundo, o que me ajudava muito nas discussões que eu tinha na escola. No ambiente pré-guerra, na presença de descendentes de todas as partes envolvidas no conflito, eu me via obrigado a participar dessas discussões, principalmente por ser judeu-polonês. E meu desempenho agressivo não era nada desprezível, visto que necessitava sobrepor-me à timidez e aos temores que se desvendaram durante minha adolescência.

Minha libertação do "gringo"

Não entendia o conceito de *gringo* como um símbolo coletivo, e não reconhecia que entre os japoneses, os alemães e eu havia algo em comum: a vivência de imigrante. Os professores ajudaram muito, o diretor da escola foi como um raio de luz. Eu me esforcei muito; deve-se ter sucesso para escapar do estigma do imigrante, do estrangeiro, de quem tem cor e natureza diferentes, se posso me expressar com certo cinismo. No início olha-se para o estranho, escarna-se e zomba-se dele. Porém, à medida que o imigrante vai perdendo sua característica estranha e estrangeira, ele desaparece envolto pelo todo. No final das contas, tive de me defrontar com essa questão, com minha identidade polonesa-judaica, para vir a ser igual a eles.

No folclore e na cultura brasileira, Judas Iscariotes é lembrado e comemorado com a queima de sua imagem em uma orgia popular. Em português, a identificação entre judeu e judas (relativo a Judas Iscariotes) tem origem na crença popular. É na realidade histórica que se percebe melhor a semelhança entre estes dois conceitos. Emigraram para o Brasil muitas famílias de cristãos novos, com o objetivo de fugir à Inquisição, onde também foram perseguidos por seus emissários. Quase paralelamente, chegaram ao Brasil cerca de um milhão de escravos da África, que adotaram o cristianismo e a cultura por compulsão e violência de padres fanáticos.

O Brasil dos anos de 1930, sob a ditadura de Vargas, se parecia com o fascismo, investido com elementos por nós conhecidos dos regimes afins, tais como censura, polícia secreta, prisão de suspeitos políticos, torturas, desaparecimento de opositores, e a presença de um movimento fascista, o Integralismo, que não chegou ao poder. O regime demonstrou ser simpático para com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), e o fazia com certo cuidado, visto que o Brasil, afinal de contas, se encontra na América.

Durante a Guerra Civil Espanhola o ambiente era favorável a Franco, e não somente entre os imigrantes espanhóis e descendentes dos países do Eixo. Eu não sabia distinguir entre nacionalistas e republicanos até meu pai me explicar que a luta que os republicanos travavam na Espanha tinha a ver com a luta global que as forças liberais e esquerdistas travavam contra o fascismo.

O incidente antissemita na escola

Os descendentes de imigrantes alemães, espanhóis, italianos e portugueses que estudavam na escola apoiavam a tendência nazifascista difundida pelo mundo, e, na sua percepção, esse era o modelo que viria a regir o mundo de amanhã. Quer dizer, eles vencerão os regimes democráticos, que não são senão "burguesias podres na sua essência".

Em 1942, quando eu tinha 15 anos e estudava no quarto ano do ginásio, ocorreu na classe uma situação à qual eu não estava atento. Em um diálogo tenso com o professor, Abraham Ziman, meu amigo que também era judeu, fez uma observação em consequência da qual o professor elevou sua voz e vociferou: "vocês os judeus têm de se calar, pois vocês são um povo de covardes". Levantei-me instintivamente, fui voando em direção do professor quando saltaram sobre mim três ou quatro alunos. Eles me imobilizaram, me afastaram e me mandaram para casa. Espalhou-se o boato de que resolveram me expulsar da escola. Um ato como esse, no qual um aluno ameaça o professor é considerado algo muito grave sob qualquer critério. Voltei para casa e contei tudo ao meu pai. Ele respeitou minha coragem, tentou me acalmar e disse que iria falar com um advogado renomado.

Passei dias difíceis de tensa expectativa e incerteza. No final das contas, fomos convocados, meu pai e eu, a nos apresentar diante do diretor da escola que condenou meu comportamento, e sem se relacionar ao motivo da crise, exigiu que eu me comprometesse a voltar a ser um aluno quieto e comportado. Meu pai reagiu positivamente, e eu entendi que este era um caminho inteligente para encerrar o caso. Com a minha volta à classe, senti que o relacionamento para comigo mudou para pior. Meu pai viu no incidente uma expressão do antissemitismo enraigado, diferente do católico-polonês, no modo de se manifestar, mas não no conteúdo.

A doença de meu pai

No quinto ano do ginásio, meu pai adoeceu e ficou claro que somente eu poderia substituí-lo nos seus negócios de vendedor ambulante (*ḳlienteltchiḳ* em *idisch*), "profissão" judaica muito difundida entre os imigrantes de todo o continente. O vendedor ambulante, que mal conhece palavras da língua local, oferece a sua mercadoria, utensílios domésticos e roupa popular, para a população mais pobre. Os vendedores ambulantes viajavam de bonde, o meio de transporte mais barato, e principalmente andavam a pé. As compradoras eram mulheres que não tinham meios para comprar mercadorias nas lojas ou não podiam pagar à vista. As mercadorias eram de baixa

qualidade e baratas. Elas compravam à prestação e costumavam parcelar o pagamento por meses. Elas tinham todas as tonalidades de pele, desde o negro até o branco com mesclas de amarelo índio. Havia famílias inteiras que não conheciam a escrita, e em muitos casos as crianças não frequentavam escolas, para ajudar na economia familiar. Eles eram candidatos naturais ao crime, à prostituição e à pobreza. Parte dos chefes de família era trabalhadora do porto, organizada em sindicatos, cuja situação era estável.

O vendedor ambulante, se punha em pé à porta da casa do cliente, batia palmas conforme o hábito local, e então ouvia-se a voz de uma menina, jovem ou não, que anunciava em tom de desprezo a chegada do estrangeiro: "mãe, o judeu, ou alternativamente, o turco, o sírio, o libanês, o polaco, o russo ou o gringo" está aí. As negociações se realizavam como em um bazar turco, com a diferença que o imigrante dificilmente falava a língua de seus fregueses. Ele tinha de vender e ela queria comprar. As limitações econômicas criavam pressões psicológicas, pois ela não tinha dinheiro próprio. Ela era jovem quando encontrou o seu "amigo", e na maioria dos casos não eram casados. Quando engravidou, passaram a viver juntos. As crianças vinham ao mundo uma após a outra. O "amigo" é o mantenedor e nem sempre estava ciente das compras feitas ao mascate. Mais de uma vez ele batia em sua mulher: "por que você compra dele? São todos uns ladrões". E não poucas vezes lhe batiam a porta na cara.

Este era um trabalho duro, que exigia andança com mercadoria durante todo o dia, em um clima quente e úmido na maior parte dos dias do ano. Na época das chuvas, era ainda mais difícil. A dificuldade era maior por causa do desconhecimento da língua, no primeiro contato insultante, e depois, na dificuldade de receber o dinheiro da venda feita à prestação. Aos compradores, nunca faltavam desculpas para adiar o pagamento. Alguns *klienteltchiks* tiveram sucesso em seu trabalho e após alguns anos abriram loja, outros, progrediram da loja para pequenas empresas ou fábricas. Essa geração se sacrificou para sustentar a família e educar seus filhos, convictos a não permitir-lhes passar pela mesma experiência. De fato, os filhos repudiaram a ocupação de *klienteltchik*, e não estavam dispostos a fazê-lo sob qualquer condição e a preço algum.

Meu pai adoeceu, era necessário operá-lo. Revíamos juntos as notas escritas e selecionadas para o dia seguinte. Ele mapeava para mim as ruas e os meios de transporte. Antes de entrar na casa do cliente, era atacado por um sentimento de vergonha e medo, e mais de uma vez saí depressa para não ser visto. Girava pela redondeza, e no final me encontrava batendo palmas. Os clientes aproveitaram a ausência do meu pai e a minha falta de experiência para se evadir do pagamento das prestações. Nos primeiros dias, andei com medo e profundamente frustrado, pois o dinheiro era necessário para a manutenção da casa. Essa foi a primeira vez que entrei em contato com o povo. Era difícil não valorizar a capacidade de resistência dessa gente, e não ser capaz de se identificar com seu sofrimento. Sofremos, mas era um sofrimento que continha esperança, vimos vizinhos e amigos que saíram dessa situação abençoados pelo

trabalho. Eu não tinha instrumentação intelectual para analisar a situação da gente pobre, apenas sentimentos de identificação e preocupação mesclados com vergonha e desespero, devido a condição sub-humana de suas vidas. Gostava deles, respeitava sua coragem ao enfrentar um destino que vinha desde os dias da escravidão, e era muito difícil vê-los nessas condições, cerca de cem anos após a abolição da escravatura. Tudo em mim se revoltava contra a profunda fenda existente entre a riqueza da natureza por um lado e a miséria do homem por outro.

Retrospectivamente, agradeço a oportunidade de haver conhecido aquelas pessoas humildes. Elas me possibilitaram cristalizar uma relação de respeito, estima e basificar concepções sociais que adotei, e não somente na teoria.

No quinto ano do ginásio, foi realizada uma reforma no sistema educacional brasileiro, segundo a qual eu teria direito de estudar dois anos apenas no colégio, em lugar de três, pois eu havia concluído cinco anos de ginásio em lugar de quatro conforme a reforma. Por motivos burocráticos e econômicos, encontrei-me dois anos na cidade de Itú.

Em um mundo em estado de guerra e ambiente carregado de ideologia, ocupávamos-nos com ela em abundância. Quis o destino que encontrasse dois excelentes professores para a vida. Ambos estiveram na Europa após a Primeira Guerra Mundial e vivenciaram a subida do fascismo na Itália e a Guerra Civil na Espanha. Passei muitas horas nas sapatarias deles ouvindo sobre a classe operária europeia entre as duas guerras mundiais. Um era socialista e o outro anarco-sindicalista, no entanto, tinham em comum atitudes contra os dois regimes totalitários: o nazista e o comunista stalinista. Eles julgavam o regime totalitário bolchevique nos parâmetros que encontramos anos depois nos documentos publicados sobre o XX Congresso do PC soviético em 1956, principalmente no discurso de Khrushchev. Absorvi essas ideias com um olhar crítico, e lia com emoção a heroica luta do Exército Vermelho e o grande sacrifício do povo russo, sem saber que isto lhes custou cerca de 20 milhões de mortos. Só mais tarde, quando estudei a Segunda Guerra Mundial, após a queda do muro de Berlim, quando foram abertos os arquivos da extinta União Soviética, redefini minhas concepções.

Próximo ao fim da guerra, nos anos de 1944-1945, houve uma trégua entre Vargas, o presidente parafascista do Brasil, e Prestes, o líder lendário do Partido Comunista. Foi permitido ao Partido Comunista aparecer em público no marco de organizações em prol da democracia, e em pouco tempo surgiram em todo o Brasil clubes denominados "Centro Democrático", cujo sucesso lhes foi garantido graças à experiência acumulada por seus militantes na ilegalidade.

Só a falta de experiência e maturidade podem explicar minha atração pelo comunismo. O meu "recrutador" era também aluno da escola e nossos encontros se revestiam de caráter subversivo. As células eram pequenas e só ele as conhecia. Ouvi conferências, participei de encontros com os "heróis subterrâneos". Mas compreendi que meu amigo conhecia mais sobre como recrutar e organizar do que as ideias do

modelo stalinista. Solicitei material e livros difíceis de conseguir, como *A introdução ao marxismo*, de Plekhanov; *O estado e a revolução*, de Lenin; *O problema nacional*, de Stalin, opúsculos que glorificavam "o sol dos povos" e o "paraíso soviético", e principalmente hinos de louvor ao heroísmo do Exército Vermelho e do povo russo. Não havia nessas brochuras uma palavra sequer mencionando a contribuição dos aliados na vitória sobre a Alemanha.

O meu "recrutador" desapareceu de repente, e pude escapar dessa armadilha. Mais tarde, quando me ocupei com discussões ideológicas entre os diversos movimentos, abençoei o hábito que adquiri, a essa altura, de prestar atenção, e da importância do estudo ideológico. Sem isso, não há possibilidade de compreender a realidade social e política.

Nos anos de 1940, Itú era uma cidade católica, com muitas igrejas e intensa atividade eclesiástica, principalmente aos domingos, quando compareciam famílias inteiras na igreja e os jovens se encontravam antes e depois da missa. Eu também vivi essa experiência. Tinha o hábito de encontrar minha namorada após a missa, sob o olhar inquiridor da sua mãe, para passear em torno do jardim público, à pergunta de por que não entrava na igreja, se os poloneses são católicos apegados? Respondia que "eu tenho um adendo ao meu polonês, também sou judeu". À minha namorada perturbava o fato de eu a esperar fora da igreja. Ela voltava ao assunto e à sua perturbação lembrando as palavras do padre – que à entrada da igreja, antes da cisterna com água benta, há um espaço que, segundo a tradição católica, é permitido aos "não crentes" visitar, inclusive aos judeus. Suas preocupações, e não a explicação teológica, me levou a esperá-la no lugar destinado aos "não crentes". A missa em latim e o canto gregoriano na igreja provinciana de estilo colonial não me impressionaram. Mas continuei realizando o cerimonial até deixar Itú. O período de dois anos que passei lá, no seio da sociedade brasileira, longe da família e da comunidade judaica, possibilitou-me ampliar minha compreensão dela, sob os mais diversos ângulos e pontos de vista, e era impossível não gostar dela.

Passado menos de um ano, durante a crise espiritual que me encontrei ao retornar ao judaísmo ativo, lembrei-me com relutância do período "eclesiástico" de Itú. Pois, eu vinha de casas muito religiosas; meu avô de Piaski era um devoto do rabino de Trisk[9] e meu avô Zeev, à sombra de quem fui educado, construiu uma sinagoga em nome de sua família, cumpria os preceitos religiosos, tanto os brandos quanto os mais árduos. Meu pai era religioso que cumpria os preceitos nas condições da época. A comida *kasher** ele trazia de São Paulo, e em sua velhice construiu a sinagoga da coletividade em Santos.

São Paulo

Passei em Itú os anos de 1943 e 1944, tinha 17 anos e inscrevi-me em uma escola que era uma espécie de cursinho preparatório para o vestibular da faculdade de

[9] Turzysk em polonês, situada na província da Volínia, atualmente Ucrânia.

medicina, em que se estudava física, química e biologia. Depois de algumas semanas de estudo, tinha certeza de que não teria chance de enfrentar a prova de ingresso para a universidade, que estava lotada de candidatos vindos dos melhores ginásios do estado de São Paulo. Entrei em crise, pois sabia das dificuldades econômicas de meu pai, dificuldades que se agravaram devido à operação que minha mãe seria submetida com urgência pelo seu estado crítico. Minha irmã Ida cresceu, e com ela as despesas. Sentei com meu pai e expus a ele as alternativas e disse-lhe que não estava capacitado para passar no vestibular e que eu precisava de aulas intensivas. Disse-lhe também que não haveria prejuízo para mim se eu interrompesse os estudos por um ou dois anos para ajudá-lo, visto que conheço o trabalho, e quando sentirmos que a tensão baixou, voltarei a estudar. Meu pai disse simplesmente que não trabalhou a vida toda para eu voltar a fazer esse trabalho desprezível. Sua posição bancária era estável e não havia investimento melhor do que financiar estudos. Aceitei o veredito, fui a São Paulo, instalei-me em uma residência em que forneciam alimentação a preços razoáveis e também transporte acessível para chegar à escola.

Hershel Mlinash

O catalizador que mudou minha vida na época da minha crise foi um amigo de meu pai, antigo membro da direção do Hashomer Hatzair* de Varsóvia, homem culto, sabia hebraico e tinha boas relações com seus companheiros que emigraram para Israel. Quando passei por acaso em frente à sua loja na Rua Prates, ele me chamou dizendo que tinha um assunto importante para falar comigo. Voltei no dia seguinte e ele começou me contando sobre o Holocausto e a destruição do judaísmo europeu. Sentei, tenso e atento. Ele falou durante horas, às vezes eu o interrompia com perguntas, e ele contava seca e exatamente aquilo que sabia. Eu o confrontava com perguntas sobre o povo judeu, religião e a história judaica, pois era completamente ignorante no assunto. Não deixei passar nenhuma pergunta. Eu necessitava de um apoio mais sólido para me confrontar com problemas de tal amplitude. Ainda não havia usado a expressão "extermínio do povo judeu na Europa". Depois disso, começou a falar sobre a Terra de Israel, as lutas, os ingleses e os árabes. Falou sobre a Palestina Mandatária como único refúgio para a salvação dos sobreviventes do Holocausto. Estávamos na época do Livro Branco[10] – também esse conceito ele me esclareceu – entretanto, falou em termos gerais, e eu entendi o princípio do processo da colonização de Israel, dos *kibutzim*, dos movimentos juvenis. Ele, claro, acentuou o Hashomer Hatzair e me explicou que existe movimento sionista no Brasil. Isso não era um processo de "recrutamento", ele não tentou me recrutar. Também não era ativo em qualquer instituição judaica. Eu não sabia que começara um processo

[10] Decreto-lei do governo britânico de 1939 que limitava a imigração de judeus na Palestina. O Livro Branco estipulou a entrada de 75.000 imigrantes judeus para o período 1940-1944. Concluído este período, a permissão para a entrada de judeus na Palestina estaria subordinada à decisão da maioria árabe.

doloroso e difícil de identificação com o sofrimento dos outros, da aproximação repleta de dor à tragédia do povo judeu. Ainda não conseguia dizer simplesmente: meu povo, o povo ao qual pertenço. Ao fim de muitas horas de conversas com Mlinash, senti uma carga emocional e intelectual que foi difícil de suportar. Disse-lhe que precisava ler. Esta é uma história difícil e tinha dificuldade de absorvê-la sem leitura adicional. Ele disse que podia me dar jornais, mas não era isso: no jornal de ontem ou da semana passada eu não poderia ler sobre a Europa e nem sobre o judaísmo europeu ou a Polônia e sobre todas as coisas que ele explicou sobre o povo judeu. Ele usou o conceito de "nacionalidade judaica" e negligenciou a religião judaica. Então, deveria me informar também sobre história judaica da qual ele falou, eu tinha que ler. Ele me explicou que não tinha tal literatura, mas em uma rua próxima havia uma organização de jovens com uma boa biblioteca. Mlinash não se propôs a me orientar nesta tarefa, dizendo que não era instruído suficientemente.

Leitura e primeiras palestras

O material para a leitura encontrei no Centro Hebreu Brasileiro, onde se localizava parte das instituições sionistas; ali também se reuniam jovens sionistas para atividades culturais e, principalmente, para se divertir, e como foi dito, havia lá uma biblioteca judaica.

Penso que não demos o devido valor histórico ao Centro Hebreu Brasileiro. Deve-se acentuar que ele foi o ninho onde surgiram todos os movimentos juvenis judaicos pioneiros de São Paulo. Papel semelhante foi preenchido no Rio de Janeiro pelo Ginásio Hebreu.

Li *A questão nacional* de Haim Jitlovski[11] em *idisch*; foi fatigante, Simon Dubnow, Heinrich Graetz e Theodor Herzl em espanhol e a *Autoemancipação* de Leon Pinsker em português, com uma introdução excelente de Idel Becker.

Escrevi notas sem fim, passaram-se dias e noites. Lia em meu quarto e não me saciava. E em cada livro descobria coisas novas. Fiz uma lista de temas que sabia, ao lado de uma lista de assuntos que eu deveria repassar e reestudar, e era preciso procurar outros livros e assuntos. Vivia de forma espartana. Mal aparecia em casa, não me encontrava com meu pai, e não me preparava para o curso.

Resolvi procurar trabalho e me sustentar. Fiszel Czeresnia era secretário do Fundo Nacional (*Magbit*) e me propôs preparar a lista dos contribuintes. Fazia o trabalho à noite. Minha vida começou a mudar, e nas manhãs passava horas lendo livros. De repente, apareceu um tema novo na minha vida: a nacionalidade. O material básico encontrei em Jitlovski e Dubnow, e no *Problema Nacional*, de Stalin. As notas que fiz desses livros eram matéria imatura, mas quando comecei a dar palestras (a primeira foi no centrinho) ela chamou atenção. Com o correr do tempo, quando acumulei conhecimento e experiência, voltei a ela muitas vezes, era sério e sombrio.

[11] Veja a respeito: *JITLOVSKI Teoria da nacionalidade*. Seleção organizada por Nachman Falbel e Jacó Guinsburg. Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, São Paulo, 1971.

Não me lembro da alegria de viver, o riso e o sorriso não me vinham à face e abandonei os estudos. Não era conhecido, mas jovens, pouco menos que eu, começaram a se dirigir a mim e me esforcei em responder-lhes. Fui convidado uma ou duas vezes a encontros do Hashomer Hatzair, que eram orientados por dois adultos, antigos ativistas do movimento polonês, cheios de entusiasmo. Não me empolguei com seu escotismo e com as palestras em *idisch* sobre política sionista.

Um dia recebi um convite para participar de um comício, que devia ocorrer em um cinema, para protestar contra o Livro Branco dos britânicos. Não tinha qualquer experiência em público, estava emocionado e tenso. Preparei-me por escrito, o que se tornou um hábito. A sala foi se enchendo aos poucos. No palco, sentaram-se os representantes das autoridades, e o orador principal foi Benno Milnitski, líder conhecido dos universitários judeus. O discurso do Benno foi uma obra-prima, expressou-se moderadamente e em uma linguagem rica. Quando chegou a minha vez, à minha falta de experiência se juntou ao meu temperamento, que libertou do meu interior raiva e protesto jamais ouvido até então. Meu discurso foi enérgico e agressivo em protesto a política britânica, aludindo ao fato de que o Brasil não protestou contra. No início se deu um silêncio absoluto que parecia prolongar-se pela eternidade, e então, de repente se fez ouvir uma explosão de aplausos e gritos, era o coração do público que se fazia ouvir. O *establishment* comunitário judaico criticou minha apresentação: de onde saiu esse selvagem?

Depois da minha aparição no cinema, que teve muita repercussão, passei a ser convidado em várias partes de São Paulo. Intensificaram-se os diálogos com jovens, e fui convidado a dar palestras sobre assuntos que desenvolvi. Comecei a dar palestras em reuniões realizadas em casas de família, em organizações, em sinagogas, em casas particulares e em eventos públicos em São Paulo e seminários nacionais sobre assuntos que versavam sobre Sionismo e nacionalidade judaica, socialismo e sionismo socialista; o Holocausto e o antissemitismo moderno; movimentos juvenis e sua divisão partidária; o conflito entre judeus e árabes na Terra de Israel; o judaísmo brasileiro e a assimilação.

Senti um enorme cansaço do ano carregado e do processo de amadurecimento pelo qual passei. Meu calendário se preencheu, mas senti que as minhas energias espirituais se enfraqueciam. Senti e pensei que teria chegado a hora de uma autorrevisão. Ainda não havia assumido a responsabilidade sobre a ação, mas senti que era inevitável... quanto mais falava, mais ampliava-se minha compreensão do sentido da ação. Eu não só falava, mas também absorvia e considerava uma ampla variedade de ideias.

Minhas conversas com Idel Becker

Tive contatos com as pessoas principais do Centro, eram na maioria pessoas boas e capacitadas, entre as quais se encontravam alunos do seminário para professores de hebraico, que eram donos de um rico conhecimento judaico, sendo parte

deles procedente de famílias tradicionais.[12] Este pessoal passaria no futuro para o movimento Dror, trazendo consigo o Centro. Nesse grupo salientava-se Benjamin Raicher, que tinha uma rara capacidade para aprender idiomas. Ele estudou no seminário para professores e tinha grande conhecimento de assuntos judaicos e gerais. Desde o princípio, ele demonstrou grande ceticismo a meu respeito, na maior parte das vezes fazia perguntas sendo ele o mestre e eu simplesmente principiante. Finalmente, ele propôs que fôssemos falar com o Dr. Idel Becker, professor de espanhol no ginásio e muito considerado por seus alunos. Ele ficou conhecido pela tradução que fez do livro *Autoemancipação*, de Leon Pinsker, com uma introdução, louvável do ponto de vista intelectual. Ele se manteve distante de qualquer atividade pública.

Benjamin não preparou o Dr. Becker sobre o conteúdo da nossa conversa. Ele começou explicando as dificuldades da tradução, principalmente da introdução, para facilitar a divulgação do livro e sua receptividade pela juventude. Ele era uma pessoa impressionante, e as conversas com ele eram interessantes, porém não tocaram na realidade trágica dos judeus na Terra de Israel, na luta contra os britânicos, e o destino do povo judeu depois do Holocausto. O que me preocupava era: o que fazer agora? Ler Herzl e Pinsker e ampliar a minha compreensão? Para pessoas como eu, a questão era se a *Autoemancipação* seria possível? Em caso positivo, o que deveríamos fazer para concretizar as condições históricas?

Na conversa com Idel Becker, falei em uma linguagem incisiva, procurei evitar o *rococó* intelectual e a virtuosidade da linguagem. Criou-se uma situação desconfortável. Ficou claro que Becker não tinha qualquer interesse pelas minhas perguntas, e ele não via qualquer obrigação para atuar e agir. Ele concluiu sua parte neste drama com a tradução do livro e com a introdução que lá aparece e com conversas. Eu procurava uma pessoa que pudesse me oferecer respostas aos problemas cruciais da minha vida, e ele não era a pessoa certa. Não conhecia, então, o ditado de Zen: "Você adquire um mestre para se libertar do mestre." Quando saímos, o Benjamin estava abalado. "Não é assim que se fala com o Idel Becker!" A mim, a conversa que tivemos não me emocionou. Não fui para um desafio intelectual ou jogar xadrês com um adversário melhor do que eu.

Judeus cosmopolitas

Certa vez, fui convidado para um grupo diferente, de judeus europeus. Parte dele era constituída por imigrantes e a outra pertencia à camada intelectual literária do tipo Stefan Zweig e semelhantes, gente do grande mundo. A particularidade se expressava no ambiente, nos livros e no tipo de pessoas convidadas. Em contraposição a meu provincialismo, seu universo era todo cultural e espiritual. Penso que o que

[12] Entre eles se encontravam Rivka Averbuch (Berezin); Aharon Thalenberg; Samuel Oksman; Amir Plut; Leah e Israel Steinbaum; Mordechai Chaitchik (Hazor); Reuben Pickman; Idel Zitman; Itzchak Fuks; Aharon Schneider; Max Skianowski; a eles se juntaram os de Santos, Salomão Veisman e Yakov Libman (Levavi).

me atraiu foi o seu amplo horizonte, sua visão de mundo que se estendia muito além do *shtetl*. Eles falavam sobre Riga, Berlim, Londres, Estocolmo e Oslo. Desde o início interessei-me pelo caráter especial do nacionalismo judaico e do judaísmo laico. Seu estilo de vida era cosmopolita, de um judaísmo com cultura universal. Estes encontros não ocorreram por iniciativa minha, mas me sinto feliz por haver acontecido pois foram de inestimável ajuda para o meu amadurecimento intelectual e espiritual.

Outro encontro importante para mim ocorreu com Itzhak Kissin, engenheiro florestal que falava hebraico fluente. Ele me contou sobre a Terra de Israel, a qual visitou muitas vezes. Com ele aprendi muito sobre Israel, sobre o kibutz, o *moshav* e sobre os problemas fundamentais do país desértico. Mostrou-me um livro sobre os judeus da África do Norte, do Iemen, do Iraque, sob o nome genérico "Os judeus exóticos", publicado na Alemanha. Apresentou-me um quadro objetivo e complexo da realidade em Israel, sem idealização, principalmente no que dizia respeito à crise cultural que acorria em Israel, que, na sua opinião, iria perdurar por gerações. Também a sua visão sobre às relações entre os habitantes judeus e os árabes na Terra de Israel era singular e pessimista. No seu *milieu*, já se percebia para que lado tendia o nacionalismo árabe. Ele criticava a vulnerabilidade da solução de um país binacional defendida pelo Hashomer Hatzair. Ele via Israel de um modo realista comparado com as histórias que ouvíamos, líamos e víamos através das fotografias que nos apresentavam o *Keren Kayemet* (Fundo Nacional).

A Casa do Povo

Todas as semanas, à noite, mantínhamos discussões com um grupo de estudantes, a maioria deles pertencente à Casa do Povo, em uma esquina do Bom Retiro. Eles eram vinculados ao Partido Comunista ou simpatizantes. As discussões tinham por objetivo influenciar a opinião pública da comunidade, principalmente da juventude. Os assuntos em pauta tratavam do Holocausto e a Alemanha, o destino do povo judeu pós-guerra, o conflito na Terra de Israel, a influência da União Soviética, o comunismo como solução ao problema do judaísmo e dos judeus, e as implicações destes temas na política local. Eles defendiam a linha comunista. Na questão judaica, adotaram a posição do Bund,* segundo a qual, o futuro dos judeus, em todos os lugares em que vivem, será resolvido pela luta dos operários e das forças "progressistas", as "forças do amanhã", terminologia comunista levemente atenuada. Eles consideravam que os britânicos e americanos não permitirão o final do conflito na Terra de Israel por razões de ordem colonialista e imperialista. Eles glorificavam o heroico Exército Vermelho atribuindo o mérito da luta dos partisanos judeus às forças comunistas, ignorando a contribuição das grandes democracias, como se elas não tivessem participado da guerra.

Lembrei-lhes o acordo Ribbentrop e Molotov, assinado às vésperas de Segunda Guerra Mundial entre a União Soviética e a Alemanha nazista, que transtornou os comunistas europeus neutralizando seu fervor ideológico contra a Alemanha de Hitler. Essa situação perdurou até a invasão da Alemanha na União Soviética, em

junho de 1941. As minhas citações de textos comunistas e a capacidade de usá-los contra eles por meio da retórica e por intermédio de seus *slogans*, aumentaram o crédito dos meus argumentos. Meu ponto de partida se baseava no Holocausto como expressão de um antissemitismo inerente à cultura europeia, espaço onde os judeus lá se encontravam há quase mil anos, na tentativa de salvar os remanescentes, obstruídos de entrar em qualquer parte do mundo.

Avaliei que após a guerra, a Grã-Bretanha deixará de ser potência, e acentuei a probabilidade de vir a se estabelecer um lar nacional para o povo judeu na Terra de Israel. Uma substantiva parte dos assuntos relacionados à realidade de Israel aprendi nessa época, matérias que diziam respeito às colônias judaicas, a *Haganá* (forças militares do pré-Estado de Israel) a *Palmach*,[13] e sobre a liderança dos judeus que lá viviam, especialmente Ben-Gurion. A premissa básica era se os árabes vencerem a guerra, será o final da coletividade judaica pré-Estado, e então, o que restará? Minha opinião era de que o Império Britânico começara a se desfacelar. Apesar do sacrifício heroico dos britânicos durante a Segunda Guerra, os grandes vencedores eram os Estados Unidos e a União Soviética, e eles não se viam comprometidos a manter o Império Britânico. A importância da proposta americana pós-guerra de transferir cem mil judeus sobreviventes da Europa para Israel não era só uma questão numérica, tratava-se de uma ruptura entre a política dos Estados Unidos *vis-à-vis* da Grã-Bretanha, além da influência de líderes judeus, como Stephen Wise e o Rabino Hillel Silver, que se fazia sentir na América.

A discussão com o Hashomer Hatzair no Rio de Janeiro

No final de 1943, fui convidado por Nathan Bistritski,[14] *sheliach** do Fundo Nacional (*Keren Kayemet*) no Brasil e membro da direção mundial do Hashomer Hatzair, para um fim de semana no Rio de Janeiro para um esclarecimento ideológico sobre o socialismo e o sionismo. No Rio encontrava-se a direção nacional do Hashomer Hatzair, e seus elementos eram conhecidos por seu alto nível e formação. Uma considerável parte deles estudava em universidades, era de fato um grupo de elite.

Tivemos uma conversa franca. Disse-lhe "que não sabia como me receberão as pessoas no Rio de Janeiro, pois eu não sou membro do Hashomer Hatzair. Além disso, não tenho conhecimento de sionismo socialista para participar de um debate nesse nível". Ele me havia dito que líderes da coletividade lhe haviam contado sobre as discussões que mantive com pessoas da Casa do Povo.

Confrontei-me com eles durante dois dias. Era impossível esconder de mim a fraseologia do Partido Comunista, seu modo de pensar, bem como a política do

[13] Tropas de choque, contingentes militares regulares da Haganá.

[14] Nathan Bistritski (Agmon). Dramaturgo e publicitário. Foi diretor dos departamentos de juventude e informação do Fundo Nacional (*Keren Kayemet*), nos anos 1922-1952. Escreveu peças de teatro, suas impressões sobre a América do Sul, onde esteve em missão na década de 1940, é o tema do seu livro *Kissmei yabeshet* (*Encantos continentais*), Sifriat Poalim, 1948 (hebraico).

Comintern. Comparado a eles, eu possuía conhecimento apropriado para tratar do problema nacional, e apesar dos meus temores, verifiquei que eles não sabiam mais do que eu sobre sionismo socialista e tampouco entraram em problemas relativos aos partidos políticos do pré-Estado de Israel. Meu objetivo era evitar que aquelas pessoas magníficas se incorporassem ao partido comunista em vez de trazê-las para o sionismo. Demonstrei muito respeito e empatia com eles.

Próximo a conclusão do encontro, disse-lhes que receava que parte deles, ideologicamente, está à caminho do partido comunista. Eles não fizeram menção alguma sobre o problema nacional judaico e o Holocausto. Suas preocupações com o colonialismo eram maiores do que com os problemas acúticos do povo judeu e da luta anticolonialista britânica na Palestina Mandatária. Acrescentei que, apesar de a maioria dos participantes haver estudado no Ginásio Hebreu e continuar a viver com os pais, do ponto de vista espiritual eles estão profundamente envolvidos na cultura local a caminho da assimilação e do casamento misto.

Retirei-me antes da discussão interna incisiva entre eles. Bistritzki me contou que a discussão seguiu seu rumo apaixonado, e na consulta que ele fez com Yaakov Chazan, um dos líderes do Hashomer Hatzair na Palestina Mandatária, o Hashomer decidiu expulsar essa célula do movimento.

Dois congressos do Dror

Concluí, após meu encontro com o Hashomer Hatzair, que não se pode realizar atividade sionista sendo lobo solitário, e era isto que eu era. Dentro de pouco tempo, fui convidado para participar do Congresso Nacional do movimento Dror cuja direção se encontrava em Porto Alegre. Conhecia as ideias do movimento, mas sabia pouco de suas atividades. Esclareci a eles que ainda não tinha resolvido a que movimento me afiliar, e que via na minha participação no Congresso deles parte do meu "processo de aprendizagem". Aos companheiros do Dror, parecia-lhes que do ponto de vista ideológico eu me encontrava próximo a eles, e a caminho de me integrar no seu movimento.

Viajei com Rivka Averbuch (Berezin) – que mais tarde chefiou a cátedra de Estudos de Judaísmo e Língua Hebraica da Universidade de São Paulo. À cabeça do movimento havia gente competente como Efraim Bariach, Maurício (Moshé) e Jeny Kersz,[15] cuja reputação transpunha os marcos do movimento. Um dos debates férreos estendia-se sobre o futuro dos idiomas do povo judeu. A discussão rebentou por motivos sentimentais, porque um dos participantes, ignorante por completo, insistiu que os educandos do movimento deveriam falar em hebraico apenas. Este era eu, cuja língua materna era o *idisch* e não sabia uma frase em hebraico. Mas eles me calaram. A mim era fácil, mas como fariam para calar a Ben Gurion?

Outro assunto dizia respeito ao papel central que ocupava o movimento na Argentina na visão dos companheiros do Dror brasileiro. Lá, no país vizinho, en-

[15] Sobre o casal Kersz, veja Jayme Zamir (Zimerman) "O início do Dror no Brasil". 60 anos – *aliá Habonim*-Dror Brasil, 2008, p. 14-16.

contravam-se seus líderes, era lá que se publicava em espanhol matéria ideológica, principalmente informações sobre o movimento operário em Israel. Sob este ponto de vista, a Argentina era para o Dror do Brasil um modelo a ser imitado. Na chefia do movimento argentino achavam-se líderes importantes oriundos da Polônia que estabeleceram o movimento argentino segundo padrões conhecidos do Dror polonês. A comunidade judaica Argentina era numerosa e rica em cultura e escolas judaicas, e tinham a percepção de ser a continuação natural do judaísmo europeu.

Sobre os aspectos relacionados com o caráter do movimento no Brasil, achei conveniente não polemizar com eles visto que meus pensamentos eram primários e exigiam estudo e cristalização.

O choque na Argentina e a cisão no movimento

O Congresso foi preparado pelos que administravam o movimento em Buenos Aires, no final de 1944. Depois da tragédia que assolou os judeus na Europa e a extinção dos movimentos juvenis pioneiros, o continente judaico latino tornou-se importante e evidente. A liderança local estava formada por figuras importantes como Moshé Kostrinski (Kitron)[16], líder do Poalei Tzion,* com uma personalidade dominante. À seu lado estava Itzhak Harkavi, que veio a ser depois embaixador de Israel para países da América Latina. Ele, à semelhança de Kitron, também tinha raízes na Europa. Ocorreu um debate aberto em torno de um assunto ideológico que logo declinou para uma discussão política sobre a cisão do Mapai (o partido de Ben Gurion) em Israel. No Congresso havia dois grupos organizados: o primeiro grupo, de argentinos, que representavam a direção do movimento na América Latina. Esses eram muito competentes e a maioria deles emigrou para Israel, lá fundaram o kibutz Mefalsim (cerca de Bror Chail); o segundo grupo, minoritário, estava composto por pessoas muito capazes do Chile, que só uma pequena parte deles emigrou para Israel. Eu não estava ao par da matéria em pauta, que em pouco tempo se tornara polêmica, violenta, uma verdadeira batalha verbal na qual se ouvia reiteradamente citações de Berl Katzenelson,* Itzhak Tabenkin[17], Meir Yaari[18], Yigal Alon[19] e Ben Gurion. Na disputa entre os dois grupos nada foi poupado para ferir uns aos outros. Eu entendia o palavreado político mas não compreendia as motivações ideológicas dos dois grupos rivais. O assunto tratava da cisão que em consequência se formaram dois partidos políticos em Israel: Mapai e Achdut Haavodá. Mais tarde, com a cisão, se criou o movimento kibutziano Kibutz Hameuchad. Eu rejeitava a tendência dissidente. Nossos movimentos estavam em pro-

[16] *Bein shalosh yabashot – hayiei Moshe Kitron*. (Entre tres continentes – a vida de Moshe Kitron), Jerusalem, Carmel, 2005, é a biografia de Kitron organizada e publicada por sua filha, Naomi Kitron. Sua outra filha, Dina Porat, é Professora da Universidade de Tel Aviv com vários livros publicados na tematica do Holocausto.

[17] Um dos líderes do partido *Achdut Haavodá* após a cisão do Mapai, em 1944.

[18] Líder incontestável do Hashomer Hatzair e do partido Mapam.

[19] Cofundador da Palmach, membro do *kibutz* Ginossar, ativista político, militante e membro do partido Achdut Haavodá depois da cisão do Mapai, em 1944. Foi Ministro do Exterior no primeiro governo de Itzhak Rabin.

cesso de formação, e a cisão sobre assuntos não diretamente concernentes à sua presença na América Latina ameaçaria sua própria existência. O Congresso não tratou do caráter do movimento, de seu instrumental educativo ou da necessidade de se adaptar à cultura local e à juventude que se educa em um mundo novo. Eram discussões que mais caracterizavam organizações juvenis partidárias do que movimentos juvenis educativos, que deveriam, pela sua própria natureza, se afastar da política e afastá-la de si. Eu estava chocado, e isso me aconteceu mais de uma vez durante a vida. Abalos desta natureza ocorriam no confronto com ideias ou fatos que contrariavam minhas posições ou meus pensamentos, e na maioria dos casos era preciso que me distanciasse até poder encontrar a solução apropriada ao problema. Mas meu silêncio foi interpretado politicamente como se eu estivesse encobrindo minha identificação política, e como se eu pertencesse à corrente radical do Achdut Haavodá. Como disse, não houve nenhum debate fecundo, apenas polêmicas, e ambos os lados corriam desvairadamente em direção à cisão do movimento, e o conseguiram. Esta loucura não teve respaldo no movimento do Brasil, a tal ponto, que ele não tomou parte em nenhuma cisão partidária que ocorreu em Israel. Passei o Congresso sem me manifestar. Ele aprofundou meus conflitos internos no processo de reconstrução do nosso movimento no Brasil.

Ao concluir o Congresso, me dirigi às instituições importantes para obter publicações que pudessem contribuir para o meu conhecimento. Durante o voo de volta li duas delas: uma de Berl Katzenelson sobre o socialismo construtivo, e dois artigos polêmicos de Ben Gurion. Para meu alívio, descobri que a teoria na qual se basearam os participantes do Congresso se encontrava, na íntegra, nesses dois panfletos.

Minha concepção sobre os caminhos do movimento

Havia chegado a hora de decidir a qual movimento pertencer. Dei argumentos inequívocos ao recusar pertencer a dois movimentos que não vinham em conta: O Hashomer Hatzair devido a seu apoio à criação de um estado binacional como resposta ao plano da partilha da Palestina em dois estados, e por sua atitude favorável, de identificação com a política da União Soviética. Eu tinha repulsa pelo regime dogmático doutrinário da União Soviética e do centralismo político de sua direção. Tampouco queria o Betar devido a seu caráter chauvinista, pelo modo como concebiam solucionar os problemas no final do Mandato Britânico e no futuro, nas relações com os vizinhos uma vez estabelecido o Estado de Israel, e também pelo seu caráter paramilitar.

O movimento Dror que encontrei em São Paulo era mais um clube de intelectuais, judeu e sionista, com membros altamente qualificados, mas sem qualquer compromisso com *aliá** e pioneirismo. O Dror, na visão de seus integrantes, não era um movimento educativo realizador.

Não era nada trivial vir como visitante e dar instruções aos moradores da casa como mudar seu estilo de vida. Conheci de forma geral os demais *snifim** do movimento e todos se pareciam semelhantes ao de São Paulo, isto é, também dotados

com líderes capazes, que estudaram em escolas judaicas. Parte deles veio de casas tradicionais, outros eram filhos de ativistas e líderes de instituições comunitárias, principalmente de instituições sionistas. Seus filhos[20] tiveram destaque no movimento, constituindo um grupo forte e independente da direção central do movimento de São Paulo, cuja esfera de ação e autoridade eram limitadas. O movimento em Curitiba era dirigido por Sara e Saul Schulman. Bem cedo juntou-se Philip Kraun.

Consciência da hora de crise

Liderança se mede pela capacidade de tomar resoluções em um âmbito público que influem sobre ele. Esta é uma qualidade que não se aprende na escola. Movimentos enraizados oferecem espaço para pessoas com qualidades natas de liderança. Há situações ou imposições resultantes da realidade ou da vida que impulsionam pessoas com estas qualidades carismáticas, que aparentemente não se manifestaram, à ação.

Não era esse o meu caso. Eu, assim como as pessoas à minha volta, não me via ser alguém capaz. Não me destaquei na minha juventude e em momento algum do meu desenvolvimento me vi à cabeça de qualquer coisa. Somente no decorrer da crise espiritual que passei, em um processo de maturação acelerado, me senti pela primeira vez impelido a prestar atenção, formular complexidades intelectuais e também delinear um caminho. Depois de um processo de incubação que tardou dois anos, fui impulsado para a ação. Ninguém se dirigiu a mim, não fui eleito ou nomeado para qualquer instituição e tampouco elaborei ou apresentei plano algum para ser aprovado.

Entre a ideologia e a práxis da construção do movimento

Os aspectos ideológicos bem como meus pensamentos sobre como deve ser edificado o movimento, ambos estavam presentes de diversas formas. Achei que se deveria criar um movimento adequado às características da juventude do mundo novo, e que os modelos postos em prática pelos enviados de Israel ou daqueles oriundos da Polônia e de outros países anterior ao Holocausto, enraigados na vivência dos movimentos na Europa, deveriam ser abandonados. Devido as características específicas da juventude judaica no Brasil, era preciso encontrar caminhos adequados para ela. Nossa vivência no Brasil se processava em uma cultura diferente da europeia, talvez possa dizer em uma civilização diferente. A educação, o contato com os vizinhos, com nossos amigos, com os colegas de classe etc., era outro mundo. Não só tentamos nos assemelhar a eles como nos assimilar para não nos sentir diferentes. Às vezes, fomos além dos limites dessa aproximação e assim rompemos a corrente que nos unia às gerações passadas. O processo de assimilação em uma sociedade em formação, em uma sociedade multiétnica e multicultural, ocorre de forma inconsciente.

[20] Chana Tzikinovski (Raicher), filha do rabino chefe do Rio de Janeiro, aliás, sábio e estimado por todos os setores da coletividade, Max e Ruth Resh, David Roterman, Avraham Baumwol (Hatzamri), Alberto Dines, filho de um dos líderes do sionismo brasileiro, Bernardo Einisman (Dov Bar Natan), Mariam Guenauer (Bariach), Yossef e Arie Etrog.

Havia necessidade de adaptar o movimento à singularidade da juventude judaica brasileira, às condições históricas e culturais nas quais ela estava inserida. Minha análise do caráter assimilador da sociedade brasileira e a posição da juventude judaica frente a esse processo foram fatores que me induziram a não tratar da "negação da golá" como parte integral da concepção sionista. E que Ben Gurion me perdoe por esta incoerência.

Processos de mobilização

Nas minhas conversas com jovens, aprendi a ouvi-los, prestar atenção ao que diziam e a entender sua mentalidade. A expressão proselitismo, religiosa em sua origem, que se tornou usual no movimento, não expressa o espírito do processo de adesão de novos integrantes. Nos primeiros anos do movimento, este conceito dizia respeito a um diálogo intelectual que ocorria entre duas pessoas em um esforço mútuo de entender um ao outro, que antecedia o processo de persuasão. Era importante criar um clima de confiança mútua que possibilitasse diálogos a longo prazo. Muitas vezes essas conversas criaram laços de amizade e cooperação frutíferas. As discussões, principalmente as conversas pessoais, basificaram meu modo de pensar e agir. Falávamos sobre antissemitismo no Brasil; se Israel conseguirá fazer frente aos seus inimigos; sobre o tipo de socialismo a ser implementado em Israel. Como é que eu tinha tanta convicção das minhas respostas, visto que muitos destes assuntos não eram mais do que meras suposições, crenças ideológicas que não tinham sido testadas. Como era possível se comprometer por toda a vida? Se o Holocausto ocorreu na Europa, porque por em perigo o destino do povo judeu em uma região encharcada de ódio e violência como a do Oriente Médio?

Eu não tenho registro destas conversas. Eu não tinha possibilidade de avaliar a influência da ação de mobilização e persuasão naquela época carregada de tensão, preocupação e interesse, na qual quase todo o povo judeu, em todos os cantos do mundo, estava atento à sua sorte. Não tenho a menor dúvida de que naquelas condições, nossas mensagens não foram em vão. No final da "maratona" de mobilização para atrair novos integrantes, durante a qual eu vivi em um estado de espírito eufórico, fui acossado pelo medo, pois parte das conversas induziam a um compromisso mútuo.

As condições históricas favoreceram o desenvolvimento do movimento. Formaram-se grupos de pessoas mais velhas que reuniam grupos jovens, e o movimento parecia estar adequado a ser um movimento educativo. Falava-se na emigração para Israel e na afiliação ao *kibutz*, sem que houvesse todavia um quadro ideológico coerente. Naquele início, eu me debatia em como apresentar ao movimento uma concepção de mundo com um projeto de vida a ser implementado em um mundo diferente do meu. Eu já havia assimilado a essência e o caráter da nova sociedade israelense com sua associação de trabalhadores (*chevrat ovdim*) e o kibutz, que eram sem dúvida instrumentos apropriados para responder às aspirações socialistas do pós-Segunda Guerra Mundial. Eu era capaz de ver diante dos meu olhos o processo

de mobilização de uma camada mais velha destinada a dirigir o movimento e capaz de formar grupos mais jovens, para educá-los no espírito aberto, criando paralelamente o instrumental educacional para fazer frente a um mundo complexo, onde a assimilação era uma opção real. Confrontei-me com a dificuldade da preparação da camada mais velha do movimento para emigrar à Israel tendo ao mesmo tempo que preparar outra camada de dirigentes para dar continuidade ao movimento. Debati-me com o dilema dos estudos universitários. Deveriam concordar com os mais velhos continuarem a estudar nas universidades, ou deviam abandonar os estudos para ir para Israel e para o *kibutz*? Tive dificuldades em formular as questões em geral, não só os problemas em si.

O encontro com meu pai, que tinha por objetivo comunicá-lo de que eu estava a caminho da minha realização, o que implicava abandonar os estudos no Brasil, não podia adiar mais. Viajei para casa, em Santos. Eu e meu pai procuramos criar um estado de espírito agradável para nossa conversa, mas o encontro foi difícil, pois ambos sentimos que ele iria atingir gravemente nosso relacionamento. Não tinha o que inovar a não ser expressar em voz alta um pensamento que o fiz pela primeira vez à mim também: "Eu acho que estou a caminho da Palestina." Não vejo necessidade de repetir tudo o que foi dito entre nós, mas no cerne da conversa estava a palavra "ativista ou militante",[21] que para ele tinha conotação negativa de alguém que vive à custa do dinheiro público. O encontro deixou em ambos um mal gosto, os resultados eu iria aprender no futuro.

O soar do tempo

No final de 1949, chegou a São Paulo, sem aviso prévio, um dos líderes do Dror do Rio de Janeiro, Arie Etrog. Arie era uma pessoa agradável, inteligente e instruída, e os encontros com ele eram bem lembrados. Em parceria, formulamos as propostas para o segundo congresso nacional (*kinus artzi*) do movimento, após aquele realizado em Porto Alegre como mencionado antes. O assunto em pauta dizia respeito ao estabelecimento da *hachshará** no Brasil. Manifestei minha opinião que do ponto de vista do movimento, a ideia era prematura, pois o movimento não tinha ainda reservas para sua direção no futuro. Ele explicou que companheiros centrais do Rio de Janeiro e de Porto Alegre chegaram à conclusão de que havia chegado a hora e, para os veteranos que haviam fundado o movimento, começa a se tornar tarde. Eles não viam motivos para continuar a ser ativos no movimento, visto que parte deles era casada e, se não emigrassem, sua *aliá* seria adiada e eventualmente fracassaria. Ocorreram dois alertas me advertindo de que devia agir urgentemente para a renovação do movimento. A exigência de estabelecer a *hachshará* e a resolução dos companheiros do movimento argentino e dos membros do Hashomer Hatzair do Brasil de fazer *aliá* e se voluntarizar para a guerra de independência de Israel. Minha opinião não foi aceita, o segundo congresso aconteceu e foi instituída a *hachshará*. O primeiro grupo estava constituído pelos fundadores do movimento que foram também os primeiros a fazer *aliá* para Israel, em inícios de 1950.

[21] *Askan* em hebraico.

No Brasil se encontrava um enviado (*sheliach*) central da Agência Judaica, Yossef Krelenboim (Almogui)[22], e resolvi me aconselhar com ele a respeito da resolução do movimento de emigrar para Israel e se alistar no exército. Expliquei minha posição sobre a falta de preparação do movimento e os problemas que acarretaria se os poucos companheiros, maduros, emigrassem. Expus meu dilema diante dele. Passados alguns dias ele me disse: "Falei com Israel; o destino dos jovens que chegam nos *kibutzim* é preencher nos diversos setores de trabalho, o lugar dos membros da Palmach convocados para a guerra." Perguntei sua opinião sobre minha atitude, tanto no assunto do exército quanto no da antecipação da ida dos companheiros para a *hachshará*. Ele respondeu sem subterfúgios: "Se eu tiver de resolver, então você fica; mas saiba que o tempo urge." As coisas em Israel aconteceram exatamente conforme disse Almogui: os jovens da Argentina ficaram no *kibutz* Gvat e os do Hashomer Hatzair, no *kibutz* Negba, nenhum deles foi convocado.

Almogui não foi o único enviado com quem me aconselhei. Chegaram ao Brasil, naquela época, muitos enviados para diversas missões, além daqueles que vieram ajudar os diversos movimentos que se formaram no Brasil. Não perdi uma oportunidade para ouvir o que tinham a dizer, de participar em discussões e me aconselhar com eles. Os enviados eram a única fonte de informações sobre Israel e sobre os esforços diplomáticos internacionais que estavam sendo feitos para a criação do Estado. Eles apresentaram uma ampla variedade de opiniões políticas, que contribuíram de forma significativa para a cristalização das minhas concepções sionistas-socialistas amplas e não dogmáticas.

Na minha visão, a ideologia deve servir à pessoa e ao homem público assim como a bússola norteia o caminho, e não como o código de leis judaicas (*shulchan aruch*) ou um *Vade Mécum* (guia) que ensina e orienta cada passo da vida. Não há uma bola de cristal que mostra os caminhos do futuro, os desastres naturais, guerras, desenvolvimento tecnológico, porém, são as condições que causam a incerteza da existência humana. A diferença entre o estadista e um mero político é que o primeiro usa a bússola e o segundo, não.

O terceiro congresso nacional (*kinus artzi*) do movimento realizado na *hachshará* aprovou meu plano de trabalho e elegeu a nova direção que se formou com o melhor que havia na juventude judaica. O movimento vivia uma hora construtiva.

A "Lapa"[23]

Realização era entendida no movimento como o resumo de todas as nossas atividades educativas, quando o objetivo concreto era fazer *aliá* e se estabelecer em Israel.

O fato de o movimento estar baseado em estudantes resultou em um paradoxo, pois quando eles atingiam os níveis superiores e entravam para as universidades,

[22] Emigrou da Pôlonia para a Palestina em 1929, integrou o movimento obreiro e foi membro do *kibutz* Ramat Hakovesh. Depois da Segunda Guerra chefiou a CGT em Haifa, foi membro do parlamento e ministro nos governos do Mapai na década de 1950 e ministro do trabalho no governo laborista nos anos 1960.

[23] O "seminário da Lapa" que ocorreu em 1º de maio de 1950, constituiu um dos marcos do movimento que deixou sua marca profunda nos primeiros anos de existência. Este evento com suas projeções fazem parte das memórias de vários participantes desta coletânea. Veja as memórias de Evyatar Friesel (Sigue), Anna Verônica Mautner, Markin Tuder, Vittorio Corinaldi, Nachman Falbel e Avraham Cheinfeld.

naturalmente dedicavam seu tempo e energia aos estudos não restando tempo para o movimento. Constatei isto muitos anos depois na literatura sobre os movimentos clássicos que se formaram na Europa. Se o movimento é basificado sobre a juventude que faz parte da *inteligenzia*, ela se edifica em solo fértil, porém problemático devido ao problema que assinalei. Compreendi o dilema desde o início da grande mobilização da liderança, mas resolvi arriscar e convocar justamente os mais talentosos, e fazer com que o destino tomasse parte nas resoluções que seriam adotadas no futuro.

Fui para o "seminário da Lapa" com temor e profunda ansiedade. Estava ciente do dilema que eu colocava diante dos companheiros, e não joguei com a retórica. Expliquei-lhes o que viam meus olhos, ou seja, se a camada dirigente não abandonasse os estudos e sem a dedicação integral deles ao movimento, ele não subsistirá. Eu conhecia cada um dos participantes do seminário, e via nessa equipe o potencial para realizar as metas do movimento. Eles eram os eleitos e os mais dotados na ocasião, com eles se erguerá ou cairá o movimento.

Não imaginei que na era moderna podia-se abrir mão dos estudos universitários. No entanto, é um fato que todos aqueles que quiseram estudar, anos mais tarde, em Israel foram estudar, e há entre eles professores e doutores, que são motivo de orgulho. A resolução de interromper os estudos não era algo técnico porém de conteúdo. Ela concretizou o conceito de liderança. Também sobre isso tive muito tempo para refletir. A ideia de que "somos todos iguais" oculta a complexidade das forças do espírito: caráter, vontade, ambição, coragem espiritual, carisma e outros componentes da personalidade. Quando estes componentes se revelam na medida e ambiente social certos, eles criam legitimidade e formam uma liderança produtiva e o corpo social passa a gozar dos frutos abençoados.

Nem sempre se pode descobrir o educando que possui parte das características exigidas, só um ambiente estimulador possibilita sua revelação. Não santificamos o processo que levou ao abandono dos estudos, e quando mudaram as condições, mudou a resolução. As resoluções da "Lapa" trouxeram anos prósperos ao movimento e a todos aqueles que abandonaram os estudos, nada impediu que as portas das universidades se abrissem diante deles, seja em Israel ou em outros países. Ela foi uma decisão coletiva em seu conteúdo e moral na sua grandeza.

Conclusão provisória

Mesmo que não tenhamos perspectiva histórica, pode-se dizer que nossa emigração para Israel está justificada do ponto de vista humano e nacional judaico. O destino nos poupou daquele que tiveram nossos antepassados na Europa, apesar de que para meu grande pesar Israel ainda não vive em paz, e o mundo também não. Os frutos de nossa realização, somado ao de nossas famílias, filhos e netos, não se medem apenas em números, mas na qualidade, voluntarismo, capacidade e potencialidade ocultos na dimensão do tempo.

Tradução do hebraico: Markin Tuder